



## Museu de Angra do Heroísmo A História Militar e a Coleção de Militaria no antigo Hospital Militar da Boa Nova

Texto: Jorge A. Paulus Bruno | Diretor do Museu de Angra do Heroísmo

Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima (Foto: DRC).

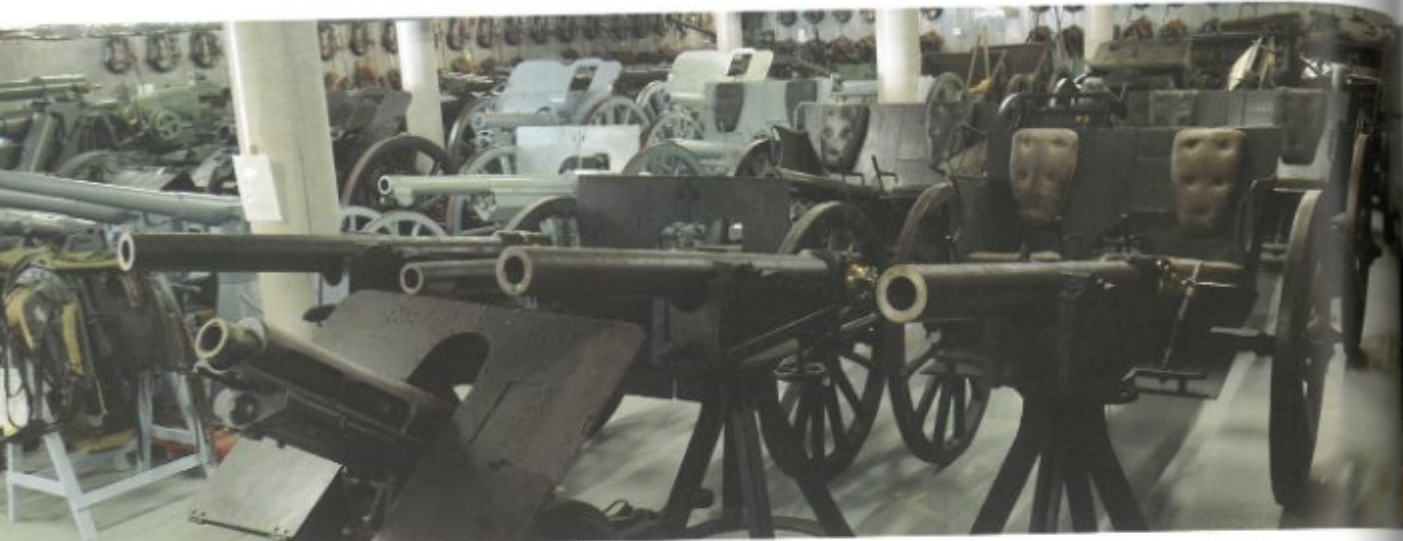
No panorama museológico das Açores, o Museu de Angra do Heroísmo (MAH) ocupa um lugar de destaque, conferido pela diversidade, qualidade e quantidade do seu acervo.

O MAH é, com efeito, um museu de síntese, onde o visitante pode ser confrontado com todos os aspetos inerentes à ação e ao pensamento humano, num contexto não só local como também, em certa medida, global.

Mas o que coloca o MAH em destaque ao nível nacional é a sua extensa coleção no domínio da militaria, que, por si só, poderia constituir um museu temático na primeira linha dos museus militares portugueses. Aliás, é o único museu não integrado no Ministério da Defesa com uma coleção de significativa dimensão nesta área, re-

presentando não só os três ramos das Forças Armadas, como também as forças paramilitares, nomeadamente a Polícia de Segurança Pública e a Guarda Nacional Republicana.

Por esta razão, o Governo dos Açores decidiu afetar-lhe um novo espaço destinado à instalação de um núcleo específico, temático, em que é apresentada ao público uma grande parte do seu acervo militar e onde estão instaladas também as reservas desta coleção. O espaço que lhe foi destinado para o efeito é o designado Antigo Hospital Militar da Boa Nova, uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Batista.



Em cima: Sala dedicada a Manuel Coelho Baptista de Lima (à esquerda); Reserva de uniformes militares (à direita). Em baixo: Material de artilharia diverso (Fotias: Paulo Lisboa/MAH).

Esta concretização é, porém, o culminar de um velho e ambicioso projeto acalentado pelo primeiro diretor do MAH, Manuel Coelho Baptista de Lima, a quem, aliás, este imóvel passa a prestar justiça, assumindo a designação de Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima.

Todavia, estamos em crer que Baptista de Lima, ao reunir e integrar milhares de peças militares, das mais variadas espécies e naturezas, pretendia já, a seu tempo, autonomizar da instituição-mãe um núcleo específico para albergar esta coleção, que ao longo de várias décadas foi enriquecendo com persistência e tenacidade. Faleceu, todavia, antes de ver concretizado este seu desígnio. É, pois, mais do que uma justa homenagem, assumi-lo como patrono deste novo espaço.

Contudo, Baptista de Lima, mais do que instalar esta coleção neste imóvel, com amplo e pertinente significado militar e histórico, teria provavelmente desejado que ela fosse instalada na Fortaleza de São João Batista, ainda hoje em uso militar, mas esta sim, o local inequivocamente mais adequado a esta finalidade.

Se hoje é possível projetar a apresentação ao público, numa linguagem museográfica contemporânea e adequada, desta coleção no Antigo Hospital Militar da Boa Nova, isto fica a dever-se, em primeiro lugar, a Baptista de Lima, visionário nesta como em outras causas.

Nesta circunstância, é nosso objetivo, através dos próximos três textos, dar a conhecer aquilo que o MAH instalou e apresenta ao



Em cima: Reserva de fardas militares (à esquerda) e Capela do Antigo Hospital Militar da Boa Nova (à direita). Em baixo: Reserva de material da artilharia (Fotos: Paulo Lobão | MAH).

público no edifício do Antigo Hospital Militar da Boa Nova.

O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova pretende vir a ser um espaço onde os visitantes se reconheçam nos vários elementos constitutivos da memória coletiva na perspetiva da História Militar. Poderá, inclusivamente, vir a ser o ponto de partida para, sob o prisma do património museológico móvel e imóvel militar da ilha Terceira, constituir o início para um roteiro de visita à cidade, à ilha Terceira e a todas as outras ilhas dos Açores. Tal circunstância irá, assim, conduzir à construção de uma narrativa museológica contemporânea abrangente, multifacetada e direcionada para uma grande quantidade e diversidade de públicos.



Cerimónia de inauguração do novo Núcleo (Foto: Paulo Lobão | MAH).

Exposição

# Os Homens, as Armas e a Guerra – da Flecha ao Drone

Texto: **Heliodoro Silva, Cátia Sousa, Rossella Toma** | DRC | Museu de Angra do Heroísmo  
Fotos: **Paulo Lobão** | DRC | Museu de Angra do Heroísmo

A exposição *Os Homens, as Armas e a Guerra – da Flecha ao Drone* retrata o paralelismo existente entre a evolução das armas e a história da humanidade, mostrando uma visão da guerra, desde a sua origem até aos nossos dias, em que se passa das lutas corpo a corpo, com armas pouco sofisticadas, para guerras complexas, travadas com drones, e incita à reflexão sobre a guerra e as questões éticas a ela associadas.



○ Museu de Angra Heroísmo (MAH), criado em 1949, como museu regional, ficou, desde então, por mais de três décadas, sob a direção de Manuel Coelho Baptista de Lima, que demonstrou sempre peculiar interesse pela área militar – objetos e património imóvel (fortificações e lugares).

Em 1970, a coleção militar já integrava peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, balas, uniformes, equipamento de logística e arreios, entre outros. Após o 25 de Abril de 1974 e com o fim das guerras coloniais, a coleção aumenta, essencialmente devido ao material obsoleto proveniente do Ministério do Exército e, em menor quantidade, da Marinha e da Força Aérea. A militar foi-se também enriquecendo com as doações de particulares, sobretudo de uniformes e condecorações pertencentes a militares açorianos ou que, não sendo locais, tinham desempenhado funções relevantes nos Açores. Esta coleção aumentou substancialmente com a aquisição da coleção privada de Baptista de Lima, aquando da sua morte, em 1996.



Nesta e na página anterior: Dois painéis introdutórios e cinco núcleos temáticos compõem a exposição *Os Homens, as Armas e a Guerra – da Flecha ao Drone*.

Atualmente, a coleção militar, devido à sua relevância e extensão (cerca de 11.500 peças), é considerada o ex-libris do MAH e justifica a criação do Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima.

A exposição de longa duração *Os Homens, as Armas e a Guerra – da Flecha ao Drone* é um veículo de comunicação, que apela à reflexão com vista à promoção da função social do património como expressão da comunidade e da cultura, incitando à valorização e conhecimento do património histórico-militar. Trata-se de uma sala de memória, plena de informação, gerada pelos objetos em exibição que patenteiam a sua funcionalidade e evolução, permitindo uma intelecção histórica, social, cultural e económica.

A sala expositiva transfigura-se num ambiente didático de educação e cultura, palco de um espetáculo, onde os objetos falam por si e representam, não só a história da região, mas também do país e do mundo, tornando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente.



# OS HOMENS, AS ARMAS E A GUERRA

MANIKIND, WEAPONS AND WAR



Armadura maximiliana, composta por capacete, couraça, escarcelas e manoplas (Aço/MAHR95725/605/756/757/760/761), Séc. XVII.

O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas-artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.

O discurso expositivo organiza-se através de dois painéis introdutórios e cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, que remetem para a história dos homens das armas e da guerra, desde os tempos primordiais até à contemporaneidade.

O primeiro núcleo, "Das armas mecânicas às armas de fogo" aborda os séculos XV e XVI e invoca a importância do metal no fabrico das armas e proteções do corpo, como armaduras e capacetes, usadas pelos soldados da Idade Média, período em que se iniciou a história de Portugal, que, de acordo com o Major-General Renato Pinto, aconteceu pela vontade dos seus primeiros reis e pelos braços armados de seus homens. Lanças, piques, espadas, bestas, machados e instrumentos agrícolas tiveram um importante papel na conquista de território. Foi um parto traumático, feito a ferros e manu militari.<sup>1</sup>

O núcleo evidencia a importância da pólvora (composta de salitre, enxofre e carvão de madeira), que, até ao século XIV, ainda não tinha sido utilizada na produção de artilharia pirobalística.

A combustão da pólvora foi um marco primordial na história do armamento, que contribuiu para a evolução no armamento pesado e individual e para o aparecimento, no século XIV, dos canhões de bronze. No século seguinte, foram criadas as primeiras armas de fogo portáteis. O mosquete, a primeira arma individual usada alargadamente no campo de batalha, data do século XVI, sendo muito pesado (c. 10 quilos), pouco preciso e difícil de recarregar.

O segundo núcleo, "O nascimento da guerra moderna", explana os grandes acontecimentos e inovações dos séculos XVII e XVIII, que se dão sobretudo ao nível da or-



À esquerda: Caçadores a cavalo da Legião Portuguesa. 1810 (Pintura/MAHR20130427); à direita, em cima: Três artilheiros limpando uma peça (Pintura/depósito do Museu de Arte Antiga/MAHD931025), em baixo: Detalhe do tambor (MAHR930938).

ganização dos exércitos e das estratégias militares.

Em Portugal, após a restauração de 1640, D. João IV implementa uma reorganização militar que dá origem ao primeiro exército permanente nacional. Nasce, assim, a nação das armas e a defesa de Portugal fica assente em três classes de tropas: soldados de primeira linha (pagos), soldados auxiliares, que haviam sido excluídos das levas por questões legais, servindo apenas em momentos de guerra, ao lado dos soldados de primeira linha, e os ordenanças (remanescente), que substituíam os restantes na guarnição, vigilância e serviços auxiliares.

As tropas em campanha eram distribuídas pelas armas de infantaria (piqueiros, arcabuzeiros e mosqueteiros), cavalaria (cou-

raceiros, lanceiros, arcabuzeiros e dragões) e artilharia, que formava num corpo independente e era utilizada na guarnição das peças para a execução do tiro.

No fim do século XVII, a nível de armamento, D. Pedro introduz a granada e a baioneta (decisiva nas lutas corpo a corpo) e substitui o arcabuz e mosquete pela espingarda com fecho de pederneira, que tornou possível fazer fogo debaixo de chuva, superior cadência de tiro e maior eficácia. Estas inovações originaram as companhias de granadeiros e de fuzileiros.

Este período da história foi também decisivo para a uniformização do traje militar e, em 1762, em Portugal, foi publicado o primeiro regulamento de uniformes do exército e da marinha, passando todos os homens a



A nova exposição incita à valorização e conhecimento do património histórico-militar.



À esquerda: Armazenamento de combustível britânico na ilha Terceira no decurso da 2.ª Grande Guerra (Fotografia/MAHI20117); à direita: Desembarque de material militar britânico (em cima) e acampamento militar (em baixo) na ilha Terceira na 2.ª Grande Guerra (Fotografia/MAHI20114 e MAHI20117).

fardar de igual. O exército do Reino tardava de azul ferrele com exceção dos homens dos tambores e pífanos.

O terceiro núcleo, "O modelo do exército napoleónico, o liberalismo e a Terceira Liberal", abrangendo os séculos XVIII e XIX, mostra a entrada na época contemporânea, em que a evolução do armamento se revela um fator de conflito na história da Europa.

O general Napoleão Bonaparte criou o grande exército napoleónico e tornou-se a figura central e mais influente da vida política francesa e europeia, governando durante um período de quinze anos. Dominou militarmente a Europa e o seu exército era constituído por militares de vinte nações.

A principal estratégia militar do exército francês foi a utilização em massa de soldados capazes de se movimentarem velozmente, utilizando sempre que possível a ofensiva surpresa, assente na força de infantaria na luta corpo a corpo, fundamentalmente com o recurso à baioneta:

*Em primeiro lugar, uma imensa barragem de artilharia formada por canhões postados o mais próximo possível das linhas inimigas; em segundo lugar, atrás dos canhões, uma cavalaria pronta para atacar sobre os pon-*

*tos mais débeis dos adversários depois que os disparos de canhão cessassem; por fim, a finalizar a refrega, o avanço da infantaria, essencial para a dominação e conservação do campo de batalha, em um acelerado passo, impulsionado pelo rutar dos tambores, pelo toque dos clarins e pelos gritos de guerra ensaiados.<sup>2</sup>*

Este momento da exposição incide também sobre a importância dos instrumentos musicais no exército, uma vez que a música esteve sempre ligada, não só à comunicação e às ações militares no campo de batalha, mas também à animação e manutenção do moral das tropas. Os sons no campo de batalha permitiam orientar e disciplinar o combatente. Em Portugal, em 1802, o general Beresford introduziu os instrumentos musicais no exército.

O liberalismo, que defende uma menor intervenção do Estado na economia e na sociedade, a liberdade do comércio e os direitos individuais, chegou a Portugal no século XIX. Os Açores desempenharam um papel importante nas lutas liberais. Em 1828, D. Miguel foi proclamado rei absolutista, mas a Terceira manteve-se leal à causa liberal e, por isso, tornou-se no único propugnáculo da luta contra o absolutismo régio.





Diversos aspetos da exposição de longa duração Os Homens, as Armas e a Guerra – da flecha ao Drone.

Os liberais conseguiram restaurar a Carta Constitucional e, em 1828, Angra do Heroísmo tornou-se sede da Junta Provisória. A 11 de agosto de 1829, D. Miguel tentou desembarcar na Terceira, mas as tropas liberais comandadas pelo Duque da Terceira afugentaram os absolutistas.

O quarto núcleo, "As guerras da revolução industrial – As Forças Armadas nos séculos XIX e XX", incide sobre as guerras mundiais, a participação dos Açores e a importância do mar e da logística na guerra.

A primeira guerra mundial foi impulsionada pelos diversos problemas económicos que afetavam a Europa e teve consequências desastrosas, com prejuízos humanos, económicos, sociais e políticos. Os Açores tiveram importância geoestratégica na Grande Guerra, no abastecimento das embarcações e no seu papel exclusivo nas comunicações por cabo telegráfico submarino. Durante o conflito, os militares de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta acompanharam a ação do inimigo no Atlântico, temendo principalmente os ataques de surpresa dos alemães.

Após esta guerra, foi assinado o Tratado de Versalhes, que trouxe punição e restrição militar e industrial. Muitas questões mal resol-

vidas incitaram dezenas de nações a entrar novamente em guerra, desta vez de modo muito mais violento e trágico, deixando rastros de grande destruição e provocando a maior mortandade da história da humanidade.

Durante a segunda guerra mundial, as forças em conflito precisavam de capacidade logística para fazer avançar os seus soldados e mantimentos nas frentes de batalha, no mais curto espaço de tempo. A logística ocupou um papel relevante nos campos de batalha, fornecendo às Forças Armadas os meios humanos e materiais necessários para satisfazer as necessidades na guerra.

O quinto núcleo, "Novas frentes de conflito: do fim do mundo bipolar (E.U.A./U.R.S.S.) à emergência de novos atores e conflitos internacionais", traz à reflexão os acontecimentos marcantes da atual história militar, assinalando o fim de um período de trezentos anos, nos quais as guerras estiveram associadas aos Estados. A guerra tradicional entre Estados perdeu peso. Os conflitos atuais devem-se ao recrudescimento dos nacionalismos, à colisão entre diferentes princípios e ideologias, a guerras santas, fanatismos, competição por recursos naturais, apetites

*A guerra é tão vetusta como a humanidade e, apesar de ser tão contestada, prolonga-se até aos nossos dias (...).*



Um dos núcleos da exposição é dedicado à importância das Açores na logística das guerras mundiais.

territoriais e interesses materiais, como demonstram exemplos do passado recente: Kosovo – 1999, Afeganistão – 2001, Iraque – 2003, Líbano – 2006 e a emergência e crescimento do Estado Islâmico, um novo e temível protagonista na ordem mundial.

O terrorismo em si não é novidade, mas sim o facto de tecnologia avançada e recursos importantes terem caído nas mãos de indivíduos e grupos extremistas, assumindo estes poderes que, dantes, eram reservados somente a governos.

O terrorismo deixou de ser uma ameaça regional e local para passar a ser uma ameaça global, tornando-se um confronto de escala universal – uma guerra impiedosa, sem fronteiras nem uniformes, que faz do medo e da insegurança geral, a sua principal arma.

A guerra é tão vetusta como a humanidade e, apesar de ser tão contestada,

prolonga-se até aos nossos dias, sofrendo constantes mutações, adquirindo novas formas no que concerne ao tipo de ameaça, estratégia e tecnologia militar.

A exposição *Os Homens, as Armas e a Guerra – da Flecha ao Drone* retrata o paralelismo existente entre a evolução das armas e a história da humanidade, mostrando uma visão da guerra, desde a sua origem até aos nossos dias, em que se passa das lutas corpo a corpo, com armas pouco sofisticadas, para guerras complexas, travadas com drones, e incita à reflexão sobre a guerra e as questões éticas a ela associadas.

Após esta explanação, deixa-se ao livre arbítrio a reflexão: é possível uma conceção do mundo sem guerra? As guerras só são travadas em campo de batalha? Que consequências provoca a evolução do armamento? Acontecerá uma Terceira Guerra Mundial? Que rasto deixará? Afinal, o que é a GUERRA?

#### Notas

<sup>1</sup> Renato Pinto, "As indústrias militares e as armas de fogo portáteis no exército português", *Revista Militar* [Em linha], 2009, n.º 2495, p. 1543 [consult. 30 de abr. 2016]. Disponível internet: [http://www.revistamilitar.pt/artigopdf.php?art\\_id=528](http://www.revistamilitar.pt/artigopdf.php?art_id=528).

<sup>2</sup> Marco Mondaini, "Guerras napoleónicas", in *História das Guerras* (org. Demétrio Magnoli), 3.ª ed., São Paulo, Contexto, 2006.

#### Bibliografia

Barroca, Mário, Luís Duarte e João Monteiro, *Nova História Militar de Portugal*, 1.ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

Mondaini, Marco, "Guerras napoleónicas", in *História das Guerras* (org. Demétrio Magnoli), 3.ª ed., São Paulo, Contexto, 2006.

Pinto, Renato, "As indústrias militares e as armas de fogo portáteis no exército português", *Revista Militar* [Em linha], 2009, n.º 2495, p. 1543 [consult. 30 de abr. 2016]. Disponível internet: [http://www.revistamilitar.pt/artigopdf.php?art\\_id=528](http://www.revistamilitar.pt/artigopdf.php?art_id=528).